

Centro de
Documentação e
Pesquisa

OABRJ



**NEUROCIÊNCIA DO RACISMO EM SAÚDE:
QUANDO O CÉREBRO E A COR DA PELE DEFINEM O ATENDIMENTO**

Renato de Paula é Fisioterapeuta e PHD em Neurociência, Palestrante, Ex-Presidente da SUDERJ

Robson Rodrigues da Siva é Advogado e Escritor



NEUROCIÊNCIA DO RACISMO EM SAÚDE: QUANDO O CÉREBRO E A COR DA PELE DEFINEM O ATENDIMENTO

Renato de Paula¹
Robson Rodrigues da Siva²

RESUMO:

O presente artigo analisa a interseção entre neurociência, racismo estrutural e práticas em saúde. Apesar da igualdade biológica entre seres humanos, evidências demonstram que a cor da pele influencia a qualidade e o tipo de atendimento recebido em diferentes contextos clínicos. O texto apresenta uma revisão de literatura que conecta processos neurobiológicos do preconceito com efeitos concretos na saúde física e mental da população negra, apontando a contradição entre a universalidade biológica e a desigualdade social.

A neurociência do racismo em saúde é um campo de estudo que busca entender como o cérebro processa e responde às experiências de racismo e discriminação, e como isso afeta a saúde física e mental das pessoas negras e de outras minorias étnico-raciais.

Palavras-chave: neurociência; racismo; saúde; desigualdade; atendimento clínico.

¹ Fisioterapeuta e PHD em Neurociência, Palestrante, Ex-Presidente da SUDERJ .

² Advogado e Escritor.



Introdução

Durante a breve caminhada no transcorrer de nossa vida, por muito tempo ficamos imaginando o que poderia ter sido a vida e o futuro daquelas pessoas que tiveram suas vidas sumariamente interrompidas sem ao menos entender o porquê de certas coisas acontecerem de forma tão desprovida de aparente significado ou sentido. Como assim? Como viver num mundo ou num tipo de sociedade em que a vida de uma pessoa é medida por sua crença, seus costumes, sua condição social, financeira, seus princípios, seus valores, sua certidão de nascimento, sua etnia ou pelo tom da cor da pele?

Não há resposta fácil para todos estes questionamentos, principalmente quando ultrapassam a barreira do tempo e nos alcança nos dias de hoje quando nos deparamos ainda no mundo atual com o mesmo cenário de desrespeito ao significado que as pessoas atribuem às suas tradições.



NEUROCIÊNCIA DO RACISMO EM SAÚDE: QUANDO O CÉREBRO E A COR DA PELE DEFINEM O ATENDIMENTO

Progressos só são possíveis se o nosso desejo de preservar nossa identidade não der lugar ao impulso de desumanizar, dominar, desrespeitar ou até mesmo romper os frágeis laços que nos humaniza neste processo de civilização. Recorrer a essas velhas formas de pensar não cabe mais num mundo cada vez menor diante da eclosão das mídias sociais, que deu às pessoas comuns maneiras diversas de se expressarem, dando-lhes voz e vez, e aumentou suas expectativas ao nos tornar muito próximos uns dos outros para crescemos juntos e desenvolvermos nossas potencialidades, trocarmos experiencias sem perdermos nossas identidades.

Deus deu dons, habilidades, sabedoria e inteligência aos seres humanos para que todo o conhecimento seja utilizado em favor da melhoria, mudança e transformação da realidade social existente, no tempo e no espaço, e não para causar a dor e o sofrimento alheio.

Por outro lado, também vivemos numa sociedade em que algumas pessoas almejam liberdade para fazer aquilo que quiser da sua vida, ou viver da maneira que bem entender a tão ponto de se achar no direito de desrespeitar ou ultrapassar a linha tênue entre a razão e emoção, ou entre respeito e discriminação e proconceito, mas, não querem assumir na mesma proporção a responsabilidade das consequências de suas atitudes e escolhas quando a cobrança da “fatura” chega no inevitável dia do “acerto de contas”.



Ao longo dos séculos e em períodos distintos da história, filósofos de todas as culturas e pensadores das diversas áreas do conhecimento inspiraram novas formas de ver o mundo ao aguçarem nossas percepções e influenciaram, desafiam e moldaram as formas de pensamento.

Porém, nem mesmo suas indeléveis e incessantes buscas por uma compreensão mais profunda do mundo que nos rodeia conseguiram decifrar na natureza da existência humana as questões mais fundamentais e profundas que dão verdadeiro sentido e significado à vida, num mundo em constante mudança que nos convida a todo o momento, e a cada vez mais, explorarmos as verdades subjacentes das diferenças entre a maneira como o percebemos, e que exige um olhar libertário mais profundo dos pontos críticos para entender as vertentes de sua degradação, traduzida na crescente inversão dos valores sociais, morais, espirituais, costumeiros, políticos, religiosos, tendo como ícone de representatividade desta controvérsia a utópica sociabilidade de quem se afasta destas virtudes a tal ponto de negar ou negociar estes princípios simplesmente por se sentir superior o seu próximo por questões étnicas ou em razão da cor da pele.

Partindo desta linha de raciocínio e traçando um paralelo com a realidade atual, o racismo em saúde constitui um dos maiores paradoxos do século XXI. A biologia demonstra, por meio da genética e da neurociência, que não existem diferenças significativas entre indivíduos de diferentes etnias que justifiquem tratamentos desiguais. No entanto, na prática clínica, persistem disparidades sistemáticas no cuidado de saúde de populações racializadas.



Impacto do Racismo na Saúde

- Estresse crônico: O racismo pode levar a níveis elevados de estresse crônico, o que pode afetar a saúde cardiovascular, imunológica e mental.
- Ansiedade e depressão: A exposição ao racismo pode aumentar o risco de desenvolver ansiedade e depressão.
- Dor crônica: Pessoas negras e de outras minorias étnico-raciais podem ser mais propensas a experimentar dor crônica devido à falta de acesso a cuidados de saúde adequados e ao tratamento desigual.

Viés Implícito e Atendimento Hospitalar

- Viés implícito: Os profissionais de saúde, assim como qualquer ser humano, podem ter vieses implícitos que afetam suas decisões e interações com pacientes.
- Atendimento desigual: Isso pode resultar em atendimento desigual, com pessoas negras e de outras minorias étnico-raciais recebendo diagnósticos e tratamentos inadequados ou atrasados.



Consequências

- Desigualdade em saúde: O racismo institucional e estrutural pode perpetuar desigualdades em saúde, levando a piores resultados de saúde para pessoas negras e de outras minorias étnico-raciais.
- Mortalidade: Em alguns casos, o racismo pode ser fatal, com pessoas negras e de outras minorias étnico-raciais enfrentando taxas mais altas de mortalidade devido a condições de saúde tratáveis.

Como campo em constante evolução, cujas descobertas têm o potencial de melhorar a nossa compreensão do cérebro e do comportamento humano, a neurociência do preconceito e da discriminação oferece explicações sobre como estruturas cerebrais, como a amígdala e o córtex pré-frontal, participam da codificação e expressão de vieses implícitos que influenciam decisões médicas. Tais mecanismos contribuem para perpetuar desigualdades no atendimento e para reforçar a contradição entre igualdade biológica e desigualdade social.

Igualdade biológica e diversidade genética

Estudos genômicos comprovam que mais de 99,9% do DNA humano é idêntico entre pessoas de diferentes etnias (LEWONTIN, 1972; BAMESHAD et al., 2003). Isso



evidencia que a cor da pele é apenas uma variação fenotípica sem relevância clínica determinante para a prática médica. Apesar disso, no cotidiano da saúde, pacientes negros relatam maior frequência de diagnósticos tardios, subnotificação de sintomas e menor acesso a tecnologias de ponta (WERNECK, 2016).

Racismo estrutural na saúde

O racismo estrutural manifesta-se nas instituições de saúde por meio de práticas normalizadas que reduzem a qualidade do cuidado. Isso inclui desde o não reconhecimento da dor até a negligência em diagnósticos precoces (SANTOS, 2019). A literatura aponta que mulheres negras no Brasil têm duas vezes mais risco de morrer no parto do que mulheres brancas (LEAL et al., 2017), evidenciando o impacto da cor da pele no cuidado.

Neurociência do preconceito

Pesquisas em neurociência social mostram que a amígdala é ativada em situações de contato com grupos raciais diferentes, indicando respostas emocionais rápidas, muitas vezes inconscientes (PHELPS et al., 2000). O córtex pré-frontal ventromedial e dorsolateral participa da regulação desses impulsos, podendo inibir ou reforçar reações preconceituosas (LIEBERMAN, 2007). A plasticidade cerebral sugere que a educação antirracista e treinamentos de empatia podem reconfigurar circuitos neurais, reduzindo vieses implícitos.

- Educação e conscientização: É fundamental educar os profissionais de saúde sobre o impacto do racismo na saúde e promover a conscientização sobre vieses implícitos.



- Políticas de saúde: Implementar políticas de saúde que promovam a igualdade e a justiça, garantindo acesso a cuidados de saúde adequados e equitativos para todos.
- Pesquisa: Realizar mais pesquisas sobre o impacto do racismo na saúde para desenvolver intervenções eficazes e melhorar os resultados de saúde.

Atendimentos Diferenciados e Evidências do Racismo em Saúde

A dor invisível

Estudos indicam que médicos subestimam a dor relatada por pacientes negros, acreditando que eles são mais resistentes ao sofrimento físico (HOFFMAN et al., 2016). Essa crença, sem base biológica, leva à prescrição inadequada de analgésicos e à maior incidência de sofrimento não tratado.

Saúde materna

A taxa de mortalidade materna entre mulheres negras é significativamente superior à de mulheres brancas no Brasil e nos EUA (LEAL et al., 2017; CRENSHAW, 2020). Isso revela um viés institucionalizado que nega direitos básicos de acompanhamento pré-natal e assistência emergencial.



Saúde mental e racismo cotidiano

O racismo cotidiano produz estresse crônico, que, por sua vez, ativa persistentemente o eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HHA), resultando em maior prevalência de hipertensão, ansiedade e depressão em populações negras (WILLIAMS; MOHAMMED, 2009). A neurociência explica como o cortisol elevado altera plasticidade sináptica e aumenta risco de doenças cardiovasculares.

Nas palavras de Julio Peres, psicólogo, doutor em neurociências pela USP e pós-doutor pela UNIFESP e pela Universidade da Pensilvânia (EUA):

“As neurociências têm trazido avanços significativos na compreensão de como nossos pensamentos, sentimentos e emoções são mediados pelo cérebro, que ‘informa’ nossos corpos sobre como proceder. As cascatas de reações fisiológicas são disparadas a partir de nossas percepções sobre como nos relacionamos com o mundo exterior e interior. Quando pessoas com transtornos ansiosos percebem a proximidade com um agente fóbico, os circuitos neurais associados à amígdala comunicam com o sistema nervoso autônomo, que responde de imediato, acelerando os ritmos cardíacos e respiratórios em descargas noradrenérgicas, configurando um estado de prontidão para ‘luta ou fuga’ em relação ao suposto agressor, como se o indivíduo estivesse próximo à iminência de morte. A continuidade de níveis elevados de estresse e ansiedade pode aumentar a produção de cortisol e causar efeitos prejudiciais sobre o sistema imunológico, aumentando a suscetibilidade a várias doenças. Tal excesso de cortisol se torna neurotóxico, isto é, pode danificar os neurônios, especialmente dos circuitos hipocampais, prejudicando a memória e o aprendizado.”

A contradição central analisada neste artigo é que, enquanto a biologia confirma a igualdade entre os seres humanos, a prática social e clínica reforça desigualdades com base



na cor da pele. Esse abismo reflete o impacto do racismo estrutural sobre os cérebros de profissionais de saúde e sobre os corpos de pacientes negros.

Além disso, a neurociência evidencia que o racismo não é apenas um fenômeno sociocultural, mas também neurobiológico: os vieses implícitos estão inscritos nos circuitos cerebrais, mas podem ser transformados. Isso abre perspectivas para políticas públicas que associem ciência, educação e combate institucional ao racismo.

Considerações Finais

O racismo em saúde é uma realidade que não pode ser negada. A cor da pele, embora biologicamente irrelevante, segue definindo o tipo e a qualidade de atendimento oferecido a milhões de pessoas. A neurociência ajuda a explicar por que esse processo ocorre, mas também aponta caminhos de superação, por meio da plasticidade cerebral e de práticas educativas antirracistas.

Assim, compreender a neurociência do racismo em saúde é fundamental para propor intervenções capazes de reduzir desigualdades e garantir que o princípio de igualdade biológica seja traduzido em igualdade prática no atendimento clínico.



Referências

- BAMSHAD, M. et al. Human population genetic structure and inference of group membership. *American Journal of Human Genetics*, v. 72, n. 3, p. 578–589, 2003.
- CRENSHAW, K. *On Intersectionality: Essential Writings*. New York: The New Press, 2020.
- HOFFMAN, K. M. et al. Racial bias in pain assessment and treatment recommendations, and false beliefs about biological differences between blacks and whites. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 113, n. 16, p. 4296–4301, 2016.
- LEAL, M. do C. et al. Racial, social, and regional inequalities in neonatal mortality in Brazil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 12, p. 3883–3894, 2017.
- LEWONTIN, R. C. The apportionment of human diversity. *Evolutionary Biology*, v. 6, p. 381–398, 1972.
- LIEBERMAN, M. D. Social cognitive neuroscience: a review of core processes. *Annual Review of Psychology*, v. 58, p. 259–289, 2007.
- PHELPS, E. A. et al. Performance on indirect measures of race evaluation predicts amygdala activation. *Journal of Cognitive Neuroscience*, v. 12, n. 5, p. 729–738, 2000.
- SANTOS, J. A. F. dos. Racismo estrutural e saúde: uma perspectiva crítica. *Saúde e Sociedade*, v. 28, n. 2, p. 21–33, 2019.
- WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. *Saúde e Sociedade*, v. 25, n. 3, p. 535–549, 2016.



WILLIAMS, D. R.; MOHAMMED, S. A. Discrimination and racial disparities in health: evidence and needed research. *Journal of Behavioral Medicine*, v. 32, n. 1, p. 20–47, 2009.

JULIO

PERES,

<https://clinicajulioperes.com.br/neurociencia-as-respostas-do-cerebro-as-emocoes/>